

579,8 mil estabelecimentos religiosos



Por **JANICE THEODORO DA SILVA***

Os números sugerem que onde há menos presença religiosa, há mais Estado, mais educação e mais saúde

Brasileiro gosta de futebol e pregação. Vê gente chutando bola, chuta. Vê gente pregando na rua, para e escuta. Brasileiro não gosta de escola, mas aprecia a refeição, o lanche, a bolacha. Brasileiro torce para a aula acabar logo e ir trabalhar, tentar ganhar um pouco mais. Brasileiro paga todos os pecados quando fica doente.

Que país é este? De acordo com os dados recolhidos e divulgados pelo IBGE, existem no Brasil 579,8 mil estabelecimentos religiosos, 264,4 mil estabelecimentos dedicados à educação e 247,5 mil dedicados à saúde. Levando em consideração as ressalvas feitas por José Eustáquio Diniz Alves, a reflexão sobre o tema é necessária.

[Para ele](#), “[...] os dados do IBGE são mais amplos. As pesquisas anteriores consideraram os templos religiosos registrados, com CNPJ, enquanto a do IBGE pega todo estabelecimento religioso, com CNPJ ou não, e não necessariamente templos. A Igreja Universal, por exemplo, pode ter uma casa num bairro pobre para distribuir alimentos, e ele é considerado um estabelecimento religioso. Vale também o contrário, a Igreja do Evangelho Quadrangular ter uma creche, e ela ser considerada um estabelecimento de ensino.”

Observando os Estados do Sudeste e, sem desvendar o mistério do Piauí, [é fato](#): “São Paulo, Piauí e os três Estados do Sul são as únicas unidades da federação cuja soma entre estabelecimentos de ensino e de saúde supera a de religiosos.”

Observando o mesmo dado em Rondônia e Amazonas, [é fato](#): “No Amazonas e em Rondônia, a proporção de estabelecimentos religiosos (19.134 e 7.670, respectivamente) é o dobro da soma dos de ensino e saúde (9.790 e 3.820, respectivamente).”

A partir dos dados podemos levantar algumas hipóteses simples:

Nos Estados brasileiros onde falta comida no prato, falta emprego e um resfriado mata, nos Estados onde os problemas da carne só podem ser resolvidos por meio de políticas públicas, da presença do Estado, a solução é olhar para o céu e rezar.

Nestes Estados, o raciocínio da população é do tipo circunstancial-religioso. Explico. Para o garimpeiro pobre que precisa ganhar para comprar a comida do dia, não existe um amanhã, pouco importa floresta em pé garantindo um futuro melhor. Para quem? O futuro sugere pó, pó de terra. Tudo vai virar pó, a onça, a mata, ele, seus filhos e descendentes. Não me parece estranho imaginar garimpeiros rezando para não serem descobertos pelos agentes da lei.

Sem comida e trabalho, o que sobra para fazer? Sonhos à moda da cachorra Baleia (Graciliano Ramos). Sobra fé.

Um elemento importante para compreender os mistérios da fé é a comida, o pão de cada dia. Existem outros, a falta de

emprego, de trabalho honesto (não escravo) e patrão do tipo humano, sem tortura.

Com essas mercadorias escassas, a religião aponta com uma tendência de alta no mercado.

As igrejas, especialmente as pentecostais, consideram sintoma da graça o vil metal, o dinheiro. São hábeis na transubstanciação do material no espiritual.

“[Pesquisa do cientista político Victor Araújo](#), associado ao Centro de Estudos da Metrópole (CEM), mapeou essa transição. Só em 2019, foram abertas 6.356 igrejas evangélicas no País, média de 17 por dia. O estudo rastreou 109,5 mil igrejas evangélicas de muitas denominações, ante cerca de 20 mil em 2015. O predomínio é das pentecostais. Entre os motivos do boom está o enfraquecimento do catolicismo, que perdeu alcance com a formação das periferias urbanas após o êxodo rural.”

Algumas igrejas evangélicas, sem preconceitos com as demandas da carne, oferecem apoio espiritual estimulando, o que é louvável, uma pessoa ajudar uma outra pessoa fora da sagrada família. Trata-se de ajuda mútua planejada, de eficientes redes de busca de emprego, programas voltados para pequenos negócios e trocas de todo tipo. Soluções terrenas, estímulos para a vida espiritual. Estas variáveis (entre outras) justificam parte do sucesso das igrejas evangélicas.

Saúde

Com relação à saúde muita gente prefere, especialmente depois da covid, entregar a vida nas mãos de Deus. É compreensível.

As últimas experiências com relação às doenças e às epidemias demonstraram desacordos entre os homens da ciência, gente engravatada e até de jaleco. Desacordo responsável por mortes. Muita falação e nenhum entendimento sobre remédios e tratamento. Confusão grande, difícil de separar quem é “verdadeiramente iluminado por Deus”.

Solução popular: É melhor cada um falar diretamente com Deus. Sem intermediários. E esperar, resignadamente, o dia final, da redenção dos corpos.

Educação

Com relação às instituições escolares, falta apreço. Não é difícil compreender as razões brasileiras. Em algumas regiões do nosso imenso território, chegar à escola é difícil. Os recursos em sala de aula são pequenos, e nem sempre os professores estão satisfeitos com o que fazem e recebem. É uma vida sofrida para os estudantes e para os professores. Gera despesa e, depois da conclusão dos estudos, o conhecimento obtido não representa oportunidade de emprego melhor.

A educação no Brasil (de baixa qualidade) não cria horizontes para o futuro, não permite sonhar.

Conclusão temporária e datada: É melhor jogar futebol enquanto a idade permitir, ser realista em relação aos empregos e os baixos salários e manter alguma espiritualidade para situações de emergência, de desespero. Não há dúvida: em zonas sem energia elétrica para carregar o celular, só existe uma solução para a desesperança, rezar.

Brasileira típica

Conto uma história delicada. Minha mãe estava muito doente. Alguém sugeriu uma benzedeira com poderes

extraordinários. Ela perguntou o que eu achava. Respondi na lata: Boa ideia. Onde é? Levei a minha mãe.

Confesso, tive uma gota de esperança.

Uspiana típica

Para não perder o foco diante das minhas humanas ambiguidades e ser fiel com a razão moderna, tipo USP, resumo as considerações em uma “fórmula matemática” simples e limpa. Talvez os politécnicos gostem. A esperança é a última que morre.

Mais religião = Menos educação - Menos saúde

Menos Estado = Mais religião

Mais Estado = Mais educação + Mais saúde

Menos religião = Mais Estado

***Janice Theodora da Silva** é professora de história na USP. Autora, entre outros livros, de Alexandre de Gusmão: Um Diplomata na Corte (*Imprensa Oficial*). [<https://amzn.to/3SWJUJm>]

Publicado originalmente no [Jornal da USP](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)